

Suplemento Cultural

N.º 10

revista paulista de medicina

Correspondência, enfermidade e morte de Álvares Azevedo

Clóvis E. Chenaud

I — A CORRESPONDÊNCIA

Os pesquisadores, críticos e biógrafos em literatura brasileira, têm invariavelmente procurado estudar, a cada passo, a personalidade de nossos prosadores e poetas, não apenas através do exame analítico de suas produções, — pelas quais o Homem poderia mesmo veladamente, se retratar, — mas esmiuçando o sentido confidencial da correspondência, sincera e espontânea, que mantiveram com familiares e amigos.

Veja ou outra recebem a rubrica de “cartas”, certas reportagens de natureza diversa, ou séries de comentários de índole doutrinária, tal como agruparam-se as “Cartas de Inglaterra” de Rui Barbosa, ou as cartas de Mme. Sevigné, de fundo sociológico, para a filha. No atinente a Manuel Antônio Álvares de Azevedo, a correspondência que manteve, sobretudo, com a mãe inteligentíssima, veio tardiamente ao grande público, pela coleção preciosa das cartas do poeta, ofertada à sobrinha e a afilhada Carlota de Andrade Vieira Souto, pela irmã sobreviventes Maria Francisca Álvares de Azevedo Amaral, e divulgada pelo esposo Dr. Luís Felipe Vieira Souto, que chegou a interessar, para a sua aquisição, — embora infrutiferamente, — a Biblioteca Municipal de S. Paulo e a Academia Brasileira de Letras.

Através dessa correspondência, decalca-se o perfil psicossomático do missivista, para o que muito contribuíram os comentários de Homero Pires (prefaciador das “Obras Completas”) e mais recentemente, os de Vicente de Azevedo, em “Cartas de Álvares de Azevedo”, — publicação excelente, sob o patrocínio da nossa Academia Paulista de Letras, com prefácio de Leite Cordêiro, Presidente do sodalício, por ocasião de seu lançamento (1976).

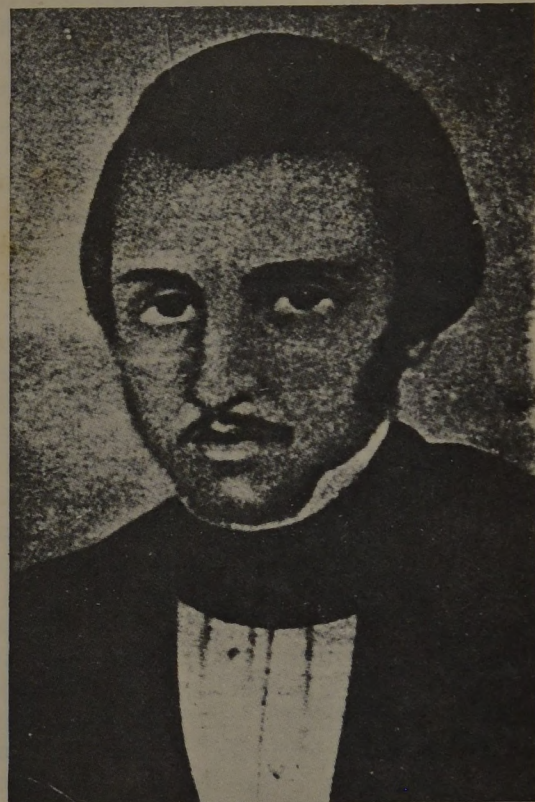
Em ambas coletâneas porém, poder-se-a verificar que em parte, foram desviadas cartas, diversas com indícios de

verdadeiro saque perpetrado por “filatelistas”, ou melhor, por canhestros negociantes de selos raros, que arrancaram dos envelopes os “olhos-de-boi” dos Correios da época (se bem que muitas outras fossem levadas por “mão-própria”), destruindo-os quase sempre e dando às missivas, destinos ignorados(?).

Por outro lado, a troca de correspondência se ressentia da absoluta falta das cartas da mãe (Maria Luíse Silveira da Mota Azevedo) e de algumas que recebeu do pai (Inácio Manuel Álvares de Azevedo), e daquelas, somente através da que o filho respondeu a 14 de outubro de 1849, há referência muito nítida, como adiante, no segundo capítulo deste trabalho, iremos comentar.

No conjunto, Manuel Antônio redigia cartas simples, sinceras e, não raro, bastante noticiosas, sabendo que a mãe interessava-se muito pela vida aristocrática (amiga e admiradora da Marquesa de Santos), pelo que o filho assumiu perante ela, um autêntico papel de cronista social, tal como soube apreciar Wanderley Pinho em “Salões e Damas do Segundo Reinado”, no capítulo dedicado a São Paulo (*op. cit.*, pág. 82), — referindo-se até à angústia em que na velha urbe paulistana, vivia o poeta: “Álvares de Azevedo, sentindo-se exilado em São Paulo, onde entretanto tinha nascido, não suportando de bom humor as saudades da Corte, quase nua nas cartas que escreve à mãe, é benévolo em seus registros e críticas. Tudo colore de tons carregados e enegrece de sombras...”

Agrippino Grieco, em “Evolução da Poesia Brasileira” (3.^a ed., 1947, pág. 27) referiu-se à “pudica ternura com que Álvares de Azevedo se dirigia à mãe”, — em “cartas nas quais se destacava “a nota de profundo respeito que caracteriza as expressões filiais, em desmentido aos que o deram como propenso a realizar, antes de Freud, aquilo que o psiquiatra de Viena rotularia de “complexo de Édipo”.



Sente-se através de sua correspondência, que Álvares de Azevedo foi na realidade um “bom menino” e um “bom rapaz”, diametralmente oposto à imagem de um boêmio, extravagante e leviano, entregue a vícios e à estúrdia, como pela sua vastíssima produção literária, sob influência de Byron, Poe, Goethe, Musset, p.ex., deixava suspeitar. Bem fixou Homero Pires (*op. cit.*) a situação: “Filho atormentado do seu tempo conhecendo-o e não lhe fugindo aos influxos, — tudo o que o século tinha de angustioso, de céptico, de irônico, de amargo ou de melancólico, a sua profunda sensibilidade absorveu completamente” (pág. XI).

O nosso acadêmico Revmo. Hélio Abranches Viotti também acentuou o fato na literatura de Álvares de Azevedo: “Enclaustrado no seu mundo de superintelectualizada fantasia, obcecado pela visão espectral da morte prematura, participando do ceticismo de

seus modelos europeus, etc" (discurso de posse da Cadeira n.º 9 da Academia Paulista de Letras, em 29 de outubro de 1975), — e Agrippino Grieco insistiu no pormenor: "Praticando uma espécie de satanismo infantil, teve o destino truncado a tudo deixou em fragmentos. Mas sua boêmia, suas orgias seriam antes cerebrais que reais. Bebia em ditirambos e não em copos. Seu Baco era o Dionisos dos poemas e a sua uva bastante abstrata, de parreiras metafóricas." (*op. cit.*, p. 30).

Interessa-nos entretanto, no alusivo à enfermidade que o vitimou fatalmente, salientar das suas cartas, referências a seus males físicos e psíquicos, de "exilado em São Paulo", e assim poder-se-a transcrever vários trechos das mesmas, pelos quais se revela uma patologia psicossomática facilmente reconhecível. No segundo período de sua correspondência (1844 — 1845), — cartas de São Paulo para o Rio de Janeiro, — no p.s. da redigida em 30 de agosto de 1844, lá está: "Por ora tenho passado bem de saúde", — o que indicava não se tratar de seu estado físico habitual. Tal situação clínica parece ter eclodido 9 anos antes, como registrou Homero Pires, ao prefácio das "Obras Completas" (8.ª ed., 1942 pág. XIV): "Em 1833, em companhia de seus pais, veio para o Rio de Janeiro, onde, em 1835, a morte de um irmão (v.g. o irmão Inácio), em Niterói, lhe causou profunda comoção. Conseguiram os médicos salvá-lo da moléstia que por então o assaltou com violência. Mas nunca mais readquiriu a saúde, que até esse tempo não inspirara cuidados. Por isso, entre os seis e os nove anos, não se tratou com maior desvelo da sua educação intelectual".

O informe coincide com o da irmã Maria Francisca: "Até os cinco anos, Manuel Antônio foi sempre muito fraco e doente" (em "Cartas de Álvares de Azevedo", de Vicente de Azevedo, *op. cit.*, pág. 199). — Quando da morte do irmão Inácio, ele contava tão somente 4 anos de idade.

Em seu terceiro período epistolar (1848 — 1851, — cartas de São Paulo para o Rio de Janeiro, — o poeta já acadêmico de Direito), em março ou abril de 1848 (carta não datada), com 17 anos de idade, escrevia à mãe: "Enquanto à saúde, nem mal nem bem, porém ao menos não tenho tido doenças", — o que faz supor que atravessava um período de remissão de seus padecimentos.

Em 11 de maio daquele ano, dirigia-se ao seu grande amigo Luís Antônio

da Silva Nunes, gaúcho, confessando a sua angústia de amar: "Não penses também, Luís, que tenha eu aqui algum novo amor. Não. Eu sinto no meu coração uma necessidade de amar, de dar a uma criatura este amor que me bate no peito. Mas ainda não encontrei aqui uma mulher — uma só — por quem eu pudesse bater de amores".

Um mês depois (em carta de 11 de junho de 1848) criticava a cidade do seu "exílio": "... a Cidade ainda ainda não deixou de ser S. Paulo — o que quer dizer muita cousa — entre as quais tédio e aborrecimento".

Em 6 de julho, do mesmo ano, escrevia à mãe, relatando uma agudização febril, de sua enfermidade: "Eu apesar de uma febre que sofri uns 4 dias, estou bom". — Para tranquilizá-la (a mãe, certamente, teria dito em resposta, de sua inquietação), seguiu a carta de 20 do mesmo mês: "A febre que eu tive não foi cousa de maior importância mesmo porque São Paulo não é clima de febres", — sem dúvida referindo-se à Malária, que endemizava todo o país.

Em 12 de junho de 1849, — com 18 anos de idade e no 2.º ano da Academia, — Álvares de Azevedo permanecia de todo inadaptado à Paulicéia: "Nunca vi lugar tão insípido, como hoje está S. Paulo — Nunca vi cousa mais tediosa e mais inspiradora de spleen — Se fosse eu só o que pensasse, dar-se-ia que seria moléstia — mas todos pensam assim — A vida aqui é um bocejar infundo". — "Esse silêncio convida mais ao sono que ao estudo — enlanguesse, e entorpece a imaginação e pode-se dizer que a vida aqui é um sono perpétuo".

Erudito em literatura inglesa, talvez Álvares de Azevedo, — tendo o "sono perpétuo" como a própria morte, — recordasse Shakespeare no "Macbeth":

"Sleep, Death's Aye, oblivion of tears, Silence of passions, balme of angrye sore". (Sono, aliado da morte, esquecimento das lágrimas, Silêncio das paixões, bálsamo do ódio).

Ou então: "Care charmer sleep. Son of the sable night, Brother to death..." (Sono, enfeitiçador da mente, Filho da noite tenebrosa, Irmão da morte...)

Poucos dias após (7 de julho de 1849), ainda para a mãe, reafirmava a sua inadaptação ao meio: "Quanto a outros divertimentos — nichts — só andar pelas ruas dando topadas nas pedras — cousa em que nada se ganha à exceção de calos e roturas nos sapatos. Reduzido a ficar em casa, por não ter sequer aonde ir e não achar

prazer em andar correndo ruas, acho-me na maior insipidez possível ancio-so de deixar essa vida tediosa do mal-ladrihado S. Paulo".

Para o pai ("meu pai e amigo") enviou a carta de 19 de setembro de 1849, referindo-se ao seu aniversário de "exilado em São Paulo" (aniversário a 12 de setembro): "O meu dia de anos foi-me aqui bem insípido — Passei o dia só — no meu quarto — e a não ser o baile tedioso da *concordia* nessa noite ficava eu sem festejo — Às 11 horas metendo-me na cama abaixei o pano a mais esse ato passado do entremez às vezes tão doloroso que aí me tem ido em 17 anos..."

Iria prestar exames e, caso possível, embarcaria para o Rio a 15 de novembro, acrescentando: "Também se sair barca no dia seguinte ao meu ato, e minhas forças derem para isso — não hei de eu perdê-la, que já estou cansado de desejar por fim a esse ano massante".

No ano seguinte, do Rio de Janeiro, a 1.º de março, escrevia ao amigo Luís Antônio e aludia, como habitualmente, à sua permanente nostalgia: "Não irás pois a S. Paulo comigo. Dois anos tive eu lá como provação." — "A essa minha agitação de espírito sobreven-me, às vezes, um marasmo invencível, horas daquelas que os navegantes temem, em que a calma descai no mar morte, e as velas caem ao longo dos mastros." — "Ontem estive numa *soirée*. Nada aí, como sempre, me diverti. Quando o tédio vem de dentro, não é o sorrir dos bailes que possa adoçar-lo. Quando a máguia é funda e erma, quando o coração resicou, não é o banho de fogo de um olhar que possa revivê-lo!"

Na carta de 12 de abril de 1851 — um ano antes de sua morte, — enviava de S. Paulo, para a mãe, o relato de grave crise vascular que o acometera: "Há tanta cousa num coração de filho cheio de saudades por contar à sua mãe! Mas não posso — Estou com o sangue como gelado no coração, com o calor todo da vida fervendo na cabeça: tenho as mães trêmulas", — quadro clínico que muito mais corresponde a uma crise psicossomática (queixas físicas entremeadas de sensações psíquicas), do que a uma "congestão cerebral, ameaça de derrame" (encefalopatia vascular hipertensiva), da interpretação de Vicente de Azevedo (*op. cit.* p. 179).

A guisa de conclusão do capítulo, honra-nos transcrever a opinião do nosso grande crítico patrício Hildon Rocha, em trechos do trabalho que em 24 de

junho de 1979 publicou no Suplemento Cultural de "O Estado de S. Paulo", sob o título: "Álvares de Azevedo e Castro Alves — afinidades e antinômias": — "Dentro da colocação de Jung, que aliás exemplifica a sua classificação com a invocação de Carl Spitteler, — Álvares de Azevedo pode ser alojado na família de Prometeu, acorrentado em suas próprias e íntimas cadeias. Essas cadeias se foram enrodiando em sua alma ao aproximar-se dos vinte anos (novo enrolado para dentro, como diz Fernando Pessoa), porque é sabido que em sua primeira fase de estudante de Direito, em São Paulo, ele tentou a adaptação (sem jamais pressentir que era apenas *tentativa*) ao mundo exterior, convivendo, dançando nos bailes da sociedade paulistana, flertando, visitando parentes e amigos da família e, mais que tudo, participando da vida estudantil. Foi quando se tornou líder intelectual na Faculdade de Direito (Academia), a ponto de ser escolhido orador e intérprete de seus colegas em várias datas comemorativas e em ocasiões solenes e fúnebres, como as do enterro de dois quintanistas".

— "As cartas que deixou, e em que tentara comunicar-se com as pessoas de seu mundo afetivo, valem como fonte para o conhecimento de sua conflitada e parece que dividida personalidade. Nessas cartas poderemos acompanhar as metamorfoses espirituais que o acometeram entre 1849 e 1850, e que o afastaram da vida exterior, submergindo-o de uma vez".

II A ENFERMIDADE

No quadro patológico, psicofísico, de Álvares de Azevedo, predomina à evidência, uma angústia permanente, estruturada, inelutável. O seu perfil psicossomático desenha-se sobretudo, nas espontâneas e amplas confissões que apresentam o sentido autobiográfico de suas cartas, — aliás, o de maior interesse (e ainda atual) — sobrepondo-se ao noticioso, com os relatos algo frívolos dos bailes, das *soirées*, dos vestidos custosos, dos casamentos e dos batizados, p.ex., que, — como já o dissemos, — o elegeu cronista social, domístico, para a mãe, sequiosa de tudo saber e mesmo de poder participar de tais acontecimentos...

Dentro de sua angústia, o poeta também não se alegria naquelas reuniões mundanas, entedia-se nos bailes, mesmo porque "quando o tédio vem de dentro, não é o sorrir dos bailes que possa adoçar-lo..."

Sem atingir a conotação de doença psicossomática que sobreveio ao menino Manuel Antônio aos 4 anos de idade (quando surpreendido e atemorizado à morte do irmão Inácio), Homero Pires forneceu precioso elo explicativo da angústia alvaresiana: após a comoção àquele triste evento, "moléstia" o assaltou "com violência" e ele "nunca mais readquiriu a saúde"! — "Quando

falta uma causa evidente de angústia, admite-se a revivescência de um trauma afetivo na criança: a fragilidade da estrutura psicológica da criança, goza então, de um papel capital", — segundo a douta opinião, altamente credenciada, de Maurice Porot, exarada no simpósio Roussel-Uclaf sobre "Anxiété et Médecine Psychosomatique", Paris, 1977. O eminente Prof. em Clermont-Ferrand, no citado encontro, ainda fez notar que "o indivíduo atingido por uma moléstia psicossomática, apresenta-se ao primeiro contato como normal sob o ponto de vista psíquico. Uma vez firmado o diagnóstico da moléstia orgânica, o clínico geral poderá aí se deter, mas o estudo aprofundado da biografia, os elementos que marcaram a vida pessoal do doente, permite sempre encontrar fatos interessantes, podendo assim, em certas enfermidades, revelar traços significativos, permitindo pensar que existia, antes de seu aparecimento, um passado mental particular e, sobretudo, experiências afetivas antigas, retrocedendo-se até à primeira infância" (Atas do simpósio, pág. 79).

Admitimos mesmo, dentro destes ensinamentos, ter Álvares de Azevedo adquirido subconscientemente, daquele tão remoto psicotrauma, o medo da morte que, a par do medo do amor, torturou-o por inteiro em sua breve existência: a morte do pequeno irmão Inácio e a sua própria morte, tão por ele presentida como uma "fatalidade", também precoce!

Acresce às raízes desse pressentimento aniquilador, no jovem poeta, a frequência de mortes prematuras, até mesmo em colegas da Academia, a ponto de serem romanticamente desejadas: "Impressionante é a coleção de poetas brasileiros que em meados do século dezenove, no esplendor do romantismo, constituíram uma espécie de escola: a escola de morrer cedo", — como bem assinalou Lygia Fagundes Telles, ao início do capítulo dedicado a Álvares de Azevedo, em "Grandes poetas românticos do Brasil" (ed. Distribuidora Cultural Brasileira, São Paulo, I vol., 1978, pág. 227).

E adiante, a nossa acadêmica: "Com seu pessimismo e melancolia, o poeta paulista é bem o retrato "de um povo triste numa terra radiosa", como Paulo Prado definiu nossa gente"; — "queixase constantemente da mediocridade das moças da Paulicéia, insiste em frisar o desdem com que as trata. Mas a verdade é que, no fundo, tem medo delas. Como também tem medo da morte, não obstante o fascínio que "a noiva mascarada" exerce sobre a sua imaginação. Daí o medo constante que o empolga e que transparece dolorido em sua obra: medo da morte, medo do amor" (*op. cit.*).

Mario de Andrade já havia assinalado, também: "Não tem dúvida nenhuma que um dos terríveis fantasmas que perseguem o rapaz, é o medo do amor, principalmente entendido como realização sexual".

Um erotismo apenas imaginário, cerebral, estremece em seus versos, mas quase sempre a mulher aparece dormindo, o medo de amar claramente se revela, como confessou em "Teresa":...

"Não acordes tão cedo! Enquanto dormes
Eu posso dar-te beijos em segredo...
Mas quando nos teus olhos raia a vida,
Não ouse te fitar... eu tenho medo!"

Mario de Andrade, ainda: "Todas as mulheres que vêm na obra de Álvares de Azevedo, se não são consanguinamente assexuadas (mãe, irmã), ou são virgens de quinze anos ou prostitutas, isto é, intangíveis ou desprezíveis".

Gilberto Vasconcelos e Marina Lajolo também assinalaram, em "Curso de Literatura" (ed. Abril, pág. 909): "Relacionada com esse tipo de temor, é que surge a atitude evasiva, consubstanciada no desejo de regressão ao seio materno, numa indistigível nostalgia pela vida intra-uterina", — ante o que poder-se-á entender perfeitamente, que a assídua correspondência com a mãe, representou um remanescente cordão umbelical que a ela o prendia.

Em Agrippino Grieco (*op. cit.*): "Mal teve tempo de cortejar as mulheres, quase não lhe conhecendo idílio facilmente identificável com uma Beatriz tangível, pronta aos afagos e às ternuras concretas".

Em carta de 1.º de março de 1850, confessava ao amigo Luís Antônio: "Mas em geral, o que às vezes ainda me aviva o pulsar mais trépido do sangue é a voluptuosidade que se me vislumbra numa mulher donairoza, numa daquelas que parecem feitas por Deus como as estátuas para rezar-se-lhes ao sopé, para pedir-lhes, como a Vênus lasciva, uma hora — uma só — de gozo..." — "Disse-t'o eu: há uma única coisa que me pudesse dar o alento que me desmaia, uma mulher que eu amasse", — porém "é uma sina minha que eu amasse muito e que ninguém me amasse. — Eis uma ironia que aí me vem no meu acabrunhar, sombrio", — trechos em que chega a ser visível a sua permanente insatisfação sexual, o recalque da libido, — angustiante, — face a que a sua vastíssima, prodigiosa produção literária configura, a nosso ver, um dinamismo de sublimação.

Agrippino Grieco (*op. cit.*) a interpretou como resultante do temor de u'a morte próxima: "Sente-se-lhe a pressa de produzir, em dizer o que tinha a dizer, em inundar laudas de papel, porque se adivinhava condenado a partir muito cedo do planeta, desaparecendo quintanista, de acordo com uma dramática tradição da Academia", — mas supomos resultante de uma psicodinâmica "de defesa", em busca do equilíbrio psíquico que lhe fugia: "Por sublimação o paciente procura derivar os seus impulsos, os seus sentimentos, os seus propósitos, a sua carga afetiva em outro sentido, quando por uma razão superior se vê compelido a renunciar aos

seus primitivos desejos e anseios. Por isso, na impossibilidade de poder alcançar seus intuitos, busca convergir todas as suas energias latentes sobre um ideal superior, puro, elevado e nobre, em regra de um caráter constitutivo, para substituir os seus objetivos malogrados". — "A arte é uma das formas mais frequentes da sublimação, pois que, sem as grandes forças derivadas das emoções fortes e dos sentidos sublimados, não seria possível a produção das obras-primas da pintura da escultura e da literatura, as quais traduzem as mais elevadas expressões da alma humana". (Prof. Pacheco e Silva, em "Psiquiatria Clínica e Forense", 2.ª ed., Renascença, 1951, pág. 136); — sublimação que inspirou o nosso Raul Machado na poesia "A um poeta":

"Utilizar-a dor é o teu destino.
No mundo da Arte que se não profana,
Toda centelha de prazer divino
Nasce de um pouco da tristeza
humana..."

Entretanto, transparece através das referências, em cartas à princesa Maria Isabel de Alcântara Brasileira (última filha de D. Pedro I com a Marquesa de Santos, casada com o Conde de Iguaçu e, a justo preito cognominada de "a Bela") que o jovem Manuel Antônio deslumbrou-se pelo seu "donaire" e formosura (Eros vespertino?), em suma um amor "intangível", como assinalara Mário de Andrade... Sem dúvida, recebeu em êxtase, o ramo de violetas que dela guardou no baile acadêmico de 11 de agosto de 1849 tal como deixou entrever pela carta que enviou à mãe, dois dias depois: "A Condessa de Iguaçu e a Belisária eram as rainhas do baile, com uma diferença que a Belisária com a simplicidade de seu traje e a Bela com a sua riqueza de jóias e sedas". "A Sra. Condessa tinha-me mandado prometer um ramo de flores caso eu "brilhasse" no meu discurso, e uma repreensão no caso contrário. Bem vê Mamãe que era esse um negócio sempre lucrativo, não só porque ninguém quereria ir dizer-lhe que eu tinha feito mau discurso, mas até porque de uma moça até uma repreensão é prêmio. — Deu-me um ramo de violetas, — flor consagrada como o dizem as velhas lendas de então, aos trovadores sensíveis..."

Que a angústia do poeta proviesse de sua inadaptação à Paulicéia, do medo do amor e do medo da morte que pressentia avizinhar-se, — angústia vivencial — poder-se-á compreendê-la pelo seu psicossomatismo mas surpreende-

nos que a própria mãe a tenha avivado com a desastrosa carta que para ele escreveu e que motivou a resposta em 14 de outubro de 1849: — "Recebi as suas cartas de 28 de 7bro. e 8 de outubro. — Agradeço-lhe as muito especialmente a do mês passado onde tão letradamente e de um modo tão cavalier com uns risinhos Mefistofélicos você trata o meu spleenético sentimentalismo..." — "A sua cartinha é uma contradição — muito bonita é verdade, muito floreada, muito poética — dessa poesia à Don Juan e a Faust que ri de tudo, em cuja lira cada vibração estremece estridulo como uma gargalhada em cujos lábios cada canto se desfaz numa ironia. Mas nem por isso lhe fiquei querendo mal etc."

Não é admissível que a D. Maria Luisa não o sentisse verdadeiramente angustiado (como enviar-lhe aquela carta tão inábil tão de desestímulo?), e para o desacerto em que se teve, poderíamos imaginá-la a entrar em idade significativamente mais avançada, quando um intelectualizado, sobretudo, adquire uma certa mória uma tendência ao gracejo algo zombador, à crítica mal encobrindo a invidiã, à transparência de um sentimento de superioridade inconfessável com superapreço de suas "experiências da vida"... — No caso de Álvares de Azevedo, tudo indica que a mãe tinha-se em conta de "uma femme savante", equadrada evidentemente nos parâmetros culturais da época, para a mulher e assim aquela carta assumiu um aspecto de jactância infelizmente dirigida ao filho distante, que não a merecia por motivos vários, — ao filho "exilado" que tanto a amava, carente de seu apoio de sua compreensão mais ampla, e que de súbito, sentiu-se desamparado por quem três meses antes, recebeu de seu afeto, extensa e esplêndida poesia, pelo seu natalício: "Na verdade, o meu único pensamento, contínuo e incessante, — tendes sido vós — tem sido a minha boa mãe!"

Uma enfermidade psicossomática deveria, de há muito, ter se instalado em Álvares de Azevedo: era um "estranho mal", e Lygia Fagundes Telles reconheceu o fato clínico, com profundidade: "No começo do ano de 1852, o estranho mal de que padece o poeta, agravava-se. Não, não é a tuberculose, embora os sintomas — aquele abatimento, aquela angústia, aquela febre — levassem todos a crer que se tratava mais uma vez da doença preferida pelos moços do século. No dia 10 de março, ele é operado. E o diagnóstico é fatal

abscesso na fossa ilíaca" (*op. cit.*, pág. 230).

A chave do problema diagnóstico nos foi dada pela certidão de óbito: "Enterites com perfuração do intestino reto", — documento assinado pelo Dr. César Persiani, que o operara de um abscesso na fossa ilíaca esquerda, tendo como auxiliar o Dr. Bompani, e médico assistente, o Dr. Valladão, — sendo de notar que o termo "Enterite" engloba o sentido genérico de inflamação do intestino (v. Pedro Pinto, "Dicionário de termos médicos", 6.ª ed., 1954, pág. 176).

O retrato psicossomático de Álvares de Azevedo é que nos permite concluir que o "estranho mal" que o acometeu fatalmente, foi uma Retocolite ulcerativa, inespecífica, que veio a perfurar, e daí resultou o *exitus*, e não consequência de uma queda de cavalo — conforme mais detidamente iremos comentar no capítulo seguinte.

Hans Selye o grande autor de "Stress — a tensão da vida" assim nos ensina. "Está claro que há muitas outras doenças digestivas que podem ser influenciadas pelo stress e pelos hormônios de adaptação. Não seria oportuno tratar de todas elas nesta obra, mas ao menos uma deve ser mencionada. a colite ulcerativa. Esta, como a denominação indica, é uma moléstia inflamatória do cólon (parte do intestino grosso). É caracterizada por ulcerações intestinais sangrantes e em casos fatais, todo o cólon é invariavelmente afetado. O intestino é desprovido de seu revestimento e a morte pode resultar de perfuração ou qualquer outra complicação.

Ainda não foi possível determinar a causa de tal condição, mas os médicos sempre suspeitaram que a tensão emocional desempenha importante papel em seu desenvolvimento". (*op. cit.*, 2.ª ed., 1965, pág. 207).

O nosso eminente Prof. Pacheco e Silva, em "Medicina Psicossomática" (ed. MEC, 1959, pág. 127) emite parecer de todo concordante. "A colite ulcerativa e suas relações com os estados afetivos havia sido notada já de longa data, não tendo passado despercebido aos observadores o fato de conflitos emocionais serem, frequentemente, responsáveis pela colite ulcerosa, ou ulcerativa. Como é sabido, a colite ulcerosa é uma colite que, conquanto possa apresentar-se de forma aguda, é, na maioria dos casos, crônica. A sua etiologia, a despeito das pesquisas até hoje feitas, permanece ignorada, conquanto se reconheça a importância dos fatores psicógenos no seu aparecimento, evolu-

ção e desfecho". — "A gravidade é indistigível".

Durante o já por nós citado simpósio Roussel-Uchaf, ainda Maurice Porot, a propósito da enfermidade, assim se manifestou: "O aspeto retoscópico da mucosa dos enfermos vítimas de uma retocolite ulcerativa, fala em favor de um comprometimento essencialmente orgânico. É portanto uma das moléstias reivindicadas com a maior insistência pela medicina psicossomática. Trata-se de personalidades imaturas, muito vulneráveis ao sentimento de frustração e à angústia decorrente.

A enfermidade se inicia quase sempre depois de um choque emocional, responsável por um estímulo parassimpático dos nervos da pelve, o que faz aumentar a produção de lisozimas destruidoras do muco protetor da parede digestiva que é, então, atingida".

Harrison, em seu "Tratado de Medicina Interna", redigiu no capítulo dedicado ao mal: "Incriminar bacterias, mas são invasores secundários. A causa é desconhecida, mas os conflitos emocionais, ansiedade e ressentimento são associados muitas vezes, com exacerbações e recorrência da doença e são manifestados pelas anormalidades vascular, motora e secretora do cólon, presumivelmente através do sistema nervoso autônomo".

"A alteração mais importantes é encontrada na mucosa e sub-mucosa do cólon e do reto".

"A coalescência das ulcerações pode levar à desnudação da superfície mucosa, resultando em adelgaçamento do intestino e susceptibilidade para perfuração".

"O processo inflamatório pode ser inespecífico em origem ou provem da coalescência sub-mucosa dos abscessos das criptas mucosas ou do infarto intestinal por vascularite necrosante".

"O reto e o sigmoide são as sedes mais comuns do comprometimento".

Quanto à sintomatologia e evolução: "Início brusco ou insidioso. Sua evolução pode ser lentamente progressiva, crônica e irregular, com exacerbações, emissões, ou rápida e fulminante, particularmente em indivíduos jovens. A febre pode persistir por dias e semanas. — Na forma grave, fulminante, o início é abrupto e a morte pode resultar de perfuração e peritonite generalizada". (*op. cit.*, II vol., pág. 1637 e seg.).

III A MORTE

Apressadamente, sem cuidadosas pesquisas, não poucos comentaristas atribuíram a morte de Álvares de Azevedo a um processo evolutivo de Tuberculose pulmonar e alguns fizeram a respeito, literatura de mau gosto sobre o fato inaceitável (Veiga Miranda, p. ex., contestado por Vieira Souto), e até mais próximo de nós, Afrânio Coutinho, para a "Enciclopédia Barsa" (ed. 1964, I vol., pág. 293), ainda o teve como "vítima do pela tuberculose".

Lygia Fagundes Telles, — já anteriormente citada neste trabalho, — referiu-se à confusão estabelecida no atene à enfermidade ("estranho mal") e à morte do poeta: "Não, não é a tuberculose, embora os sintomas — aquele abatimento, aquela angústia, aquela febre — levassem todos a crer que se tratava mais uma vez da doença preferida pelos moços do século. No dia 10 de março, ele é operado. E o diagnóstico é fatal: abscesso na fossa ilíaca".

Desenvolveu-se então, em torno desse abscesso na fossa ilíaca, — à esquerda, — o diagnóstico diferencial da causa primeira que o teria formado, não constante da certidão de óbito, mas apenas a *causa mortis*: "Enterites com perfuração do intestino reto" (sic).

Maria Francisca Álvares de Azevedo Amaral, irmã sobrevivente do poeta, a pedido do Prof. Escragnolle Dória (v. "Cartas de Álvares de Azevedo", comentários de Vicente de Azevedo, *op. cit.*, pág. 197), referiu-se à ocorrência clínica que de inopino assaltara o irmão, em 10 de março de 1852: "Sucessivamente aprovado plenamente em todos os anos, achava-se no Rio de Janeiro gozando das suas férias do 4.º ano quando no dia 10 de março de 1852, já nas vésperas de partir para S. Paulo, onde ia cursar o 5.º ano e último de direito, resolveu fazer um passeio a cavalo (ia a uma visita de sua predileção). Nesse passeio Manuel Antônio teve uma dor, voltando para casa incomodado.

Pouco a pouco se agravou o seu padecimento, manifestando-se afinal um abscesso na fossa ilíaca do qual foi operado pelos Drs. Persiani e Bompani, sendo médico assistente o Dr. Valadão, depois Barão de Petrópolis. Nessa época, essa operação feita sem cloróformio, sendo mister grande coragem do operado. Manuel Antônio submeteu-se sem um gemido, causando a admiração dos médicos que o operavam.

De nada valeu essa operação, praticada, e a moléstia seguiu seu curso fatal." — "Por volta das cinco horas da tarde desse dia, que era o domingo de Páscoa, 25 de abril de 1852, faleceu Manuel Antônio, sendo as suas últimas palavras, pronunciadas quase que no momento da morte: "Que fatalidade, meu Pai". (*op. cit.*).

Da Guia de sepultamento, constou ter Álvares de Azevedo falecido de "Enterites com perfuração do intestino reto" (sic), e que "a enfermidade durou mais de quinze dias e empregou-se para combatê-la o tratamento Alopático" (sic), — sem referência, entretanto, ao ato cirúrgico praticado por Persiani e Bompani.

Novas informações sobre o evento, foram colhidas pelo colega Licurgo de Castro Santos Filho (apresentadas em sua bem elaborada "História da Medicina no Brasil"), da irmã Maria Francisca, confirmando de viva voz as que prestara a Escragnolle Dória: "Adoeceu no dia 10 de março de 1852, de uma forte dor do lado. Foi operado

pelos Drs. Persiani e Bompani. Disseram que ele tinha um tumor na fossa ilíaca. — Sofreu 45 dias e faleceu no dia 25 de abril, Domingo de Páscoa, às cinco horas da tarde" (sic).

Restava porém obscura a etiologia (causa primeira) do abscesso na fossa ilíaca esquerda, consequente de uma "perfuração do intestino reto", quando o Dr. Luís Felipe Vieira Souto (depositário das cartas do poeta) saiu a campo em tese apresentada a concurso de uma cátedra de Literatura, do Colégio D. Pedro II (Rio de Janeiro), em 1950, e intitulada "Reflexos de uma "pálida sombra" no Romantismo brasileiro", — e então, literariamente, — não histórica, nem cientificamente, — aventou uma hipótese, de que o poeta sofrera uma queda de cavalo violenta, — ou antes, violentíssima! — que foi capaz de produzir subitamente, a rotura do reto! Foi uma hipótese, que nada mais era uma suposição sua, sobre um acontecimento não provado e mesmo não referido, sequer de leve, pela irmã Maria Francisca, que jamais esquecerá semelhante detalhe!

Mui certamente influenciou Vieira Souto, uma poesia de Álvares de Azevedo, intitulada "Namoro a cavalo", na qual via-se imaginariamente, acidentado em uma equitação de "transporte" (não de "esporte", — ou seja o hipismo —, em que as quedas são um risco não raro fatal!), — poesia da qual constavam estas duas quadras do pseudo-acidente:

"Mas eis que ao passar pelo sobrado
Onde habita nas lojas minha bela
Por ver-me tão lodoso, ela irritada
Bateu-me sobre as ventas a janela...
O cavalo, ignorante de namoros
Entre dentes tomou a bofetada.
Arrepiase, pula, e dá-me um tombo
Com as pernas para o ar, sobre a calçada..."

Forjou-se assim, a etiologia traumática do abscesso na fossa ilíaca, esquerda, de Álvares de Azevedo, que vítima de tão grave acidente que de súbito lhe produziu rotura de víscera abdominal (!), não se apresentou, pelo menos, como um politraumatizado! Mais surpreendente é que, com essa gravíssima lesão, não tenha, de imediato, entrado em estado de choque!

Mas não, e é ainda Vieira Souto quem nos disse em sua tese apenas literária, o que ocorreu logo após a queda violentíssima: "Na tarde de 10 de março de 1852, volta Manuel Antônio de seu passeio vespertino, seguido do cão amigo, e trazendo pela mão as rédeas do cavalo. Queixava-se de forte dor no quadril esquerdo e claudicava ao andar, etc." (sic).

É realmente espantoso em Patologia clínico-cirúrgica, que apresentando uma rotura traumática do reto, o poeta ainda conseguisse andar, "seguido do cão amigo, e trazendo pela mão as rédeas do cavalo"!

Muito pouco deveria Vieira Souto saber de Traumatologia abdominal, ao ad-

mitir que “se não arrebetasse abcesso na fossa ilíaca esquerda, provavelmente psoíte supurada, seguida, após a intervenção estoicamente suportada sem analgesia, de fístula ou supuração abundante que terminou-lhe os dias, etc.”, — e assim o afirmamos, porque do quadro clínico que se instala imediatamente, após uma rotura traumática de víscera abdominal, — inclusive em ferimento não penetrante, — constam, forçosamente, o choque seguido de vômitos, contratura, de defesa de toda a parede do abdome, e tal quadro nunca permitiria a Álvares de Azevedo caminhar “claudicando”, de volta à casa, “seguido do cão amigo, e trazendo pela mão as rédeas do cavalo”...

Nem que depois “arrebetasse abcesso na fossa ilíaca esquerda, provavelmente psoíte supurada”, — pois à rotura do reto é a peritonite que sobrevem poucas horas depois do trauma e a morte em dois ou três dias, pela necrose que invariavelmente sucede à lesão!

Registram as estatísticas que nos ferimentos abdominais não penetrantes, a morte é em 3 ou 4 vezes, mais frequente que nos penetrantes (Fares Rahal, em “Contusão abdominal”, Rev. da Ass. Médica Brasileira, dez. 1965, vol. II, pág. 546).

Raúl Contreras e Alfredo Valente o reafirmam, textualmente: “A rotura de uma víscera ôca não produz de imediato a infecção peritoneal, esta se faz presente poucas horas depois; dois ou três dias mais tarde sobrevem o colapso terminal” (em “Traumatismos abdominais”, Anais Paulistas de Medicina e Cirurgia, abril 1972, pág. 137), — e Cláudio Wolff e peremptoriamente sucinto face à situação clínica: “O peritonismo é a regra” (em “Reavaliação do traumatismo abdominal fechado”, Clínica Geral, set. 1973, pág. 57)!

Esse, — o pós-acidente inevitável que teria o poeta se houvesse sofrido a “queda de cavalo” de Vieira Souto, — com a rotura traumática do reto, — e ele não voltaria para casa, mas seria levado para um hospital, de maca e em estado de choque!

Homero Pires entretanto, deixou-se embair pela literária “queda de cavalo”, e, eclético, prefaciando as “Obras Completas” do poeta, não abandonou a suposição da Tuberculose pulmonar: “Na iminência de retomar os estudos jurídicos, a 10 de março de 1852, depois de um passeio a cavalo de que caiu, foi que se manifestaram os primeiros sintomas de tuberculose pulmonar, que se ignorava, etc.” (op. cit., I

vol., pág. XXIII), pelo que acreditamos, — *data venia*, que o escritor patricio supoz reproduzida em Álvares de Azevedo, a situação clínica em Castro Alves, que após o acidente na Várzea do Carmo, do qual resultou a amputação do pé esquerdo, teve agravada a Tuberculose pulmonar que já apresentava. O símile, porém, — é comprovado, — não foi realidade.

CONCLUSÃO

Tivemos oportunidade de assinalar nos capítulos anteriores desse trabalho, que pelo traço psicossomático do poeta, — coarctado, reprimido, irrealizado em sua libido, “exilado em S. Paulo”, — cidade onde, aliás, nasceu, — explica-se perfeitamente (a par da *causa mortis*: “Enterites com perfuração do intestino reto”) que apresentava uma Retocolite ulcerativa, inespecífica (ou idiopática), de natureza psicossomática, — de evolução lenta e progressiva, — com períodos de exacerbação e remissões, — crises febris que persistiam por dias (vide, p. ex., a carta de 6 de julho de 1848) e mui certamente contraída de psicotraumas na infância (vide a douta opinião de Maurice Porot) e mantida por uma angústia crônica (“stress”) que o acompanhou por toda a vida.

Não se deteve, — é certo, — em descrever enterorragias, mas teve perturbações vasculares, motoras e secretoras do cólon, como evidentemente relatou pela carta de 12 de abril de 1851, onze meses antes de falecer, ou seja quando a enfermidade mais se agravava. Tais alterações se patentearam, já sem dúvidas, em 10 de março de 1852, quando, apenas por uma coincidência, passeava a cavalo.

Naquele dia de súbito sentiu “uma dor, — uma forte dor do lado”, e operado, os médicos “disseram que ele tinha um tumor na fossa ilíaca (esquerda)”; “sofreu 45 dias e faleceu no dia 25 de abril”. Note-se que à “forte dor do lado”, não entrou em estado de choque, nem exibiu quadro peritonítico horas depois! A constatação dos cirurgiões, foi a de que, já formado, havia um abcesso no reto.

Admitimos claramente que em 10 de março de 1852, houve uma perfuração sub-mucosa do reto, decorrente das próprias alterações humorais (vasculares, motoras e secretoras, a par de um aumento de produção de lisozimas, que adelgaçam o revestimento interno do intestino, tornando-o susceptível de perfuração), com formação, a seguir, de

um abcesso por bactérias (“invasores secundários”, vide cit. de Harrison). Não vencida a contaminação piógena (em época desprovida de recursos medicamentosos eficazes contra infecções!), uma septicemia encerrou o quadro, 45 dias após a perfuração. Outrossim, o termo “enterites”, da certidão de óbito revelava a extensão do processo, reforçando portanto, o diagnóstico que esposamos.

Causa estranheza não ter sido lembrada a possibilidade (mais do que admissível, ante os comemorativos do caso), pelos nossos comentaristas contemporâneos, — assessorados por colegas médicos, — de Álvares de Azevedo ter sido portador de uma Retocolite ulcerativa inespecífica, psicossomática, que 45 dias antes de seu falecimento, teve perfurada a sub-mucosa do reto, seguindo-se a contaminação bacteriana na críptica mucosa sem proteção, a formação de um abcesso e uma septicemia terminal.

É verdade que se em 1818 o termo e a conceituação de psicossomatismo foram incorporados à terminologia médica e ao raciocínio clínico, por Heinrich (segundo Maurice Porot, op. cit.), somente na segunda metade do nosso século granjearam conhecimento e aceitação ampla da parte dos médicos e até do público em geral; assim a natureza exata da enfermidade, em meados do século passado, fugiu ao diagnóstico diferencial da triade que atendeu ao caso: Persiani Bompani e Valadão.

Avizinha-se no próximo ano, — em 25 de abril de 1982, — o transcurso do 130.º aniversário da morte de Manuel Antônio Álvares de Azevedo e foi propósito deste nosso trabalho, — de reconstrução clínica, — aclarar devidamente a natureza exata da enfermidade que o acompanhou pela sua tão breve existência e que determinou a verdadeira causa de sua morte.

Procuramos alicerçar a nossa opinião de médico, citando Autores de incontestada erudição profissional, de preeminentes Mestres em Patologia cirúrgica e em Medicina Psicossomática e estamos tranquilos em tal companhia.

Seja compreendido o nosso esforço de pesquisa, como testemunho de nossa grande admiração pelo inesquecível moço paulistano que tanto enriqueceu as letras pátrias, que

“FOI POETA, SONHOU E AMOU NA VIDA”.

São Paulo, junho de 1981

Outubro/Dezembro 1981

Flávio de Carvalho - o pintor maldito

Custódio Ribeiro de Carvalho

Ao retratar em rápidas pinceladas um esboço do que foi o “davinciano” Flávio de Carvalho, faço-o com a emoção nascida do sangue e da admiração que por ele teve o povo artístico do Brasil, principalmente de São Paulo.

Flávio de Resende Carvalho, filho de Raul de Resende Carvalho e Ofélia Crissúma de Carvalho, nasceu em Amparo de Barra Mansa, no sul do estado do Rio de Janeiro em 10 de agosto de 1899, na casa de meu pai e na mesma cama em que nasci e que conservo até hoje, com respeito e veneração. Tendo seus pais se transferido para São Paulo aí nasceram mais dois irmãos, que faleceram infantes. Seus primeiros estudos foram feitos na escola Americana de São Paulo pois seu pai, tendo estudado em Boston, sempre dedicara grande admiração aos povos de língua inglesa.

Aos 12 anos foi para a França estudar no LYCÉE JANSON DE SAILLY, em Paris, em que terminou os primeiros estudos, transferindo-se depois para a Inglaterra onde estudou na escola Rei Eduardo VII e na Universidade de Durrum, em New-Castle, diplomando-se em Engenharia Civil após 12 anos de ausência do Brasil. A ausência por longo tempo do lar paterno, as línguas e costumes diferentes, deixaram marcas indeléveis e talvez mutiladoras no psiquismo do menino brasileiro, quicã provincialiano, que um dia, estudante de medicina no Rio, fui receber a bordo do “Andes”, navio inglês daquele tempo que trazia Flávio definitivamente de volta ao Brasil.

Naquele momento já não nos reconheceríamos: a sua grande estatura e a mutação de feições transformaram o menino de ontem no engenheiro europeizado de hoje, embora conservando alguns traços fisionômicos que o fizeram um dos homens mais bonitos que eu tenho conhecido e por isso preferido, durante toda a sua vida, pelo elemento feminino que encheu generosamente sua existência até depois da idade provecta.

Ao iniciar sua profissão de engenheiro civil em São Paulo, trabalhou nas grandes firmas Barros Oliva, Ramos de Azevedo & Cia., Comercial e Construtora, até que sentiu que o ambiente conservador do São Paulo de então (1929) não era o dos seus sonhos.

Já desde 1914 mostrara tendências para o desenho e a pintura. As construções modernas o atraíam e com o

Conferência pronunciada no VI Congresso da Sociedade Brasileira de Escritores Médicos, na Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro.

cérebro borbulhante de idéias novas lançou-se com alguns amigos artistas como Grégori Warchavischcik, Di Cavalcanti, Caio Prado, Oswald e Mario de Andrade, Tarsila do Amaral, Anita Malfati, Menotti Del Pichia, Guilherme de Almeida, Gomide, Bonadei e outros, na organização de um movimento de arte moderna, que de São Paulo alastrou-se por todo o país.

Então, como um potro selvagem, tomou as rédeas no sdentes, desprezou todas as convenções sociais e artísticas, e revelou-se o que verdadeiramente era: um artista sem limitações nem respeito humano. Era a manifestação do gênio criador, que o marcaria tornando seus trabalhos inconfundíveis, como inconfundíveis foram as obras de Van Gogh, Gauguin, Toulouse-Lautrec, Modigliani, Picasso, Juan Miró, Di Cavalcanti ou Portinari. Engenheiro Civil, arquiteto, escritor, escultor, crítico de arte, ele notabilizou-se principalmente como desenhista e pintor.

Foi chamado por Le Corbisier de “Revolutionnaire romantique”; Jean Paul Sartre e Simone de Beauvoir diante de seus quadros exclamam admirados: “Mais ça c'est quelque chose”. Sergio Milliet vaticina: “ele não irá para o porão dos museus” e o professor Pietro M. Bardi: “é um grande ponto de partida”. José Geraldo Vieira escrevia: “é um dos maiores da época atual, o reformador museológico do retrato” e Quirino da Silva, pintor e crítico de arte: “a impostura não conseguiu encontrar abrigo na sua obra”. O governador Abreu Sodré chamava-o de “divino louco” e Assis Chateaubiand admirado da pureza e firmeza das linhas com que retratou sua mãe morrendo, na célebre e universalmente conhecida “Série Trágica” anatematizou-o como “O pintor maldito”. O que o teria movido a esse ato de tamanha coragem ou insensibilidade? A esquisofrênia, que embota os sentimentos afetivos? Perguntei-lhe um dia, e com aquela simplicidade e candura que o invadiam nos momentos tranqüilos, ele respondeu-me com os olhos ardentes, após um segundo em que fitou o infinito: — “Eu não desejava esquecer o seu grande sofrimento”. Sua mãe morreu de uma das formas mais dolorosas de câncer, e a “Série Trágica” retrata fielmente a sua imensa e persistente dor, que os analgésicos já não podiam mitigar.

Foi membro do Instituto de Engenharia de São Paulo, do Instituto dos Arquitetos do Brasil, do Instituto de Psicotécnica de Praga, Fellow of the International Institute of Arts and Letters, da Academia de Ciências de Nova

York e cavaleiro da ordem de St.º Hubert.

É autor da primeira manifestação de arquitetura moderna no Brasil com o projeto do palácio do governo de São Paulo, de 1927, tendo recebido várias medalhas de ouro em salões e bienais, sendo a maior delas a conferida na última biennial que precedeu sua morte, quando foi o único artista brasileiro agraciado entre vários expoentes da arte estrangeira. Foi premiado no concurso para o monumento do soldado constitucionalista de 32, em cuja revolução serviu como capitão de Engenharia.

Em 38, concorreu com um lindo trabalho para o Palácio da Municipalidade de São Paulo, e com vários projetos de arquitetura moderna e escultura em 53 em Londres e em 54 na Espanha para um monumento ao padre José de Anchieta, em San Cristobal de la Laguna. Seu último trabalho de escultura foi o monumento a Federico Garcia Lorca erigido numa das praças de São Paulo.

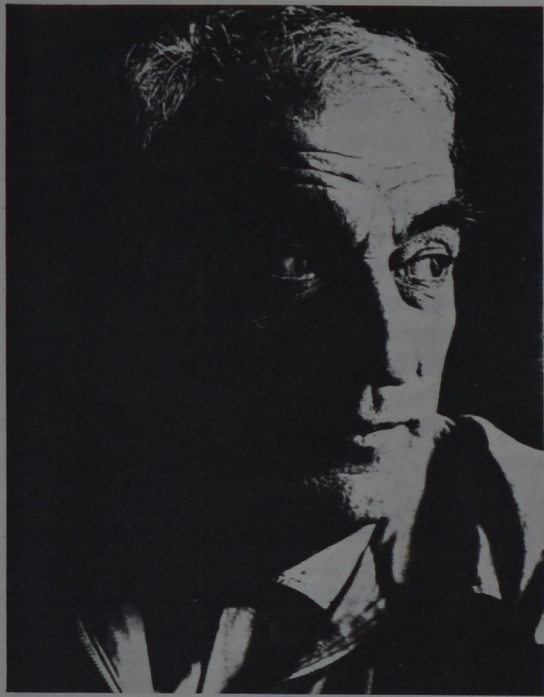
Como escritor seu primeiro trabalho foi a “Experiência n.º 2” de 1931, em que numa procissão de Corpus Christi, em São Paulo, desafiou a multidão passeando ostensivamente entre ela com um grande chapéu na cabeça. O resultado não se fez esperar: aos gritos de “tira o chapéu” foi valentemente espancado.

“Os ossos do mundo” vieram em 1936 com sugestivas narrações e observações do “globe-trotter” que foi.

Em 1947 “L'aspect psychologique et morbide de L'art moderne”; ainda em 37 “A casa do homem do século XX”, complemento da “A cidade do homem nu” tese que defendeu em Praga. “O Bailado do Deus morto” é peça teatral que provocou o fechamento pela polícia do teatro da Experiência que fundara em 1933.

“A origem animal de Deus” é um estudo do homem das cavernas que concebeu a idéia de Deus como consequência da fome, do medo e do sexo. Como o homem primitivo devorava o falcão, o lobo, o leão e o urso, bebendo-lhes o sangue para se tornar mais forte e mais terrível, supondo com isso igualar-se a eles, que eram o seu deus, no sentido de inteligência e ferocidade que transmitiam pela carne e o sangue, Flávio, que era ateu, apontava vestígios desse passado remotíssimo no culto de algumas religiões que ele chamava de antropofágicas porque comiam a carne e bebiam o sangue do seu deus.

Quando faleceu, uma carta chegada de Paris, noticiava que o seu livro “Dia-



letique de la mode" acabava de ir para o prelo e por lá ficou.

Tendo apresentado diversas modalidades de manifestações artísticas, qual outro Leonardo da Vinci, Flávio foi principalmente desenhista e pintor. Expôs no Salão Nacional de Belas Artes em 1931, no Salão Paulista, nos Salões de Maio, nas bienais de São Paulo, no Sindicato de Artistas Plásticos, na exposição de homenagem a Mario de Andrade, nas exposições de artistas brasileiros de Londres, Paris, Roma, Praga, Veneza, Buenos Aires, Santiago e Madrid. Seus quadros, todos de arte moderna, figuram nos museus de Londres, Paris, Roma, Praga, Varsóvia, Madrid, Nova York, Rio, São Paulo, Bahia e na Biblioteca Municipal de São Paulo.

Pintou muito, em desenho em branco e preto ou em coloridos vivos a óleo, guache, aquarela ou acrílico que tornavam sua pintura inconfundível. Quem visse um desenho ou um óleo seu, mesmo sem assinatura, logo identificaria o autor, tal o traço pessoal que lhes impunha.

Sempre deu preferência em pintar mulheres nuas. Tinha os seus modelos preferidos mas gostava também de apanhá-los na rua. Quando encontrava uma criatura cujo tipo o inspirava, acercava-se dela polidamente e, quando oportuno, dizendo-se pintor, convidava-a para posar para ele mediante pagamento convencional. No seu atelier iniciava o trabalho fazendo com que o modelo andasse ou dançasse, preferentemente um samba, ao som da vitrola e se possível nu. Observava os movimentos dos braços, das pernas, da cabeça, dos cabelos soltos, dos olhos, dos lábios. Só então iniciava o seu de-

senho ou a sua pintura. Disse-me um dia que a excitação sexual provocada pelo modelo nu dava-lhe uma força estranha capaz de aprimorar o trabalho que se desenvolvia às vezes com grande rapidez.

Nos retratos que fez deixava tudo em plano inferior para só se preocupar com a expressão do rosto e das mãos: isto bastava para que ele exprimisse com fidelidade os traços marcantes da fisionomia e da alma do modelo.

Quando retratou Paul Rivel percebe-se o anatomista e o antropólogo; quando pintou Kachaturian ouve-se o entrecostar dos sons musicais dos seus concertos; quando pintou Burle Marx sente-se no variegado das cores e na expressão do olhar a alma do diabólico paisagista brasileiro.

Fez retratos de Mario de Andrade, Jorge Amado, José Lins do Rego, Oswald de Andrade, José Geraldo Vieira, Murilo Mendes, Pablo Neruda, Nicolau Guillen, Ungaretti, Camargo Guarnieri, Eleasar de Carvalho, Gilda Neri, Iara Bernete, Maria Kareska, Maria Della Costa, Berta Singerman, Condessa de Beaussacq, Pietro Maria Bardi, Jean Lucat, Bonadêi, Alberto Cavalcanti, Carvalhal Ribas, Edoardo de Guarnieri, para só citar aqueles nomes de personalidades exponenciais do mundo da ciência, das letras, da música, do teatro e da pintura.

Em 1932 juntamente com Gomide, Carlos Prado, Di Cavalcanti e outros fundou em São Paulo o Clube dos Artistas Modernos. No mesmo ano inventa um tipo de persianas verticais. Em 34 abriu sua primeira exposição de pintura que foi logo fechada pela polícia. Havia uns nus um pouco ousados para a época e umas crianças que riam e faziam ginástica dentro do ventre materno. A polícia não podia conceber que um feto a termo não possa rir-se de alguma gracinha ou distender seus membros cansados da imobilidade intra-uterina.

Com a reabertura judicial da exposição, o trânsito da rua Barão de Itapeitinga ficou interrompido pela multidão, curiosa de conhecer tão comentadas pinturas e todos os quadros foram vendidos. Com o dinheiro apurado Flávio foi para Praga e de lá para a Rússia, que há tempos desejava conhecer pela simpatia a algumas idéias socialistas mais avançadas. Esse fato despertou em seus pais as mais graves apreensões. Já o imaginavam preso e espancado pela polícia como seus amigos Caio Prado, Pagú e outros. De volta dessa viagem, após vários dias

em que só se falou de assuntos de pouco interesse, seu pai, percebendo-o de bom humor à mesa do jantar, perguntou-lhe: — "E do regime Russo o que você nos conta?" — Ele franziu as sobrancelhas e meio seco respondeu: — "Da Rússia só o Hermitage. O resto é droga". Daquele dia em diante Flávio não se interessou mais pelas idéias socialistas avançadas e meu irmão foi o mais feliz dos mortais.

Em 1956, com vários artistas e amigos, fundou o Clubinho da Rua Rego Freitas, de que foi presidente e onde se realizaram festas memoráveis. Ainda em 1956, inventou um traje de verão constituído de um saíote, uma blusa leve com tubos internos de ventilação e longas meias rendadas de Can-Can. Seu passeio com esse "new-look" pelas ruas centrais de São Paulo causou um impacto emocional que repercutiu por todo o país. Anos após, passando com minha senhora pela via Vitória Vêneta chamou-nos a atenção um retrato no mostruário de um fotógrafo: um homem alto, com uma blusa amarela e um saíote verde, passeava pela rua, seguido de uma multidão de italianos curiosos. O homem era Flávio que com esta idéia revolucionária e original talvez tenha lançado o hábito hoje largamente difundido do uso do calção e da blusa para os climas de verão.

Em 58, organizou a sua custa uma expedição ao alto Amazonas na pesquisa de uma tribo de índios louros que se dizia existirem nas cabeceiras inexploradas dos rios Camaná, Tototóbi, Demini e Negro. Não encontrou tais índios mas trouxe de lá abundante material para estudos, após uma marcha de 300 quilômetros pela mata virgem. Sentindo-se desautorizado e sabotado por um dos elementos da expedição, amotinou-se e entrincheirando-se num dos barcos trocou tiros com o elemento perturbador convidando-o depois para um duelo a tiros (cherchez la femme!) que foi recusado terminando tudo na santa paz do Senhor. Com o abundante material indígena, filmes, fotografias, folclore, recolhidos nesta aventura, trouxe também uma grave infecção intestinal que quase o matou.

Na construção da casa da fazenda de seu pai, que depois foi sua, em Valinhos perto de Campinas, construída em 1938, inspirou-se nos túmulos dos faraós egípcios: o salão principal, que constituiria a base da pirâmide, onde os objetos do faraó eram depositados para sua viagem ao outro mundo, mede 20 metros de comprimento por 10

de largura e 12 de altura. Este enorme salão é ligado por dois corredores de vidro a duas alas independentes da casa. Os corredores estreitos, sinuosos e de paredes toscas, dão a impressão das catacumbas de Roma. A casa não tem janelas mas sim grandes portas de correr que dão para o exterior. Num grande escritório ele reuniu objetos de folclore do México, Perú, Chile, Colômbia, Goiás, Mato Grosso e Amazonas; e no outro salão da outra ala da casa está o "Salão Ancestral" com grandes retratos antigos dos seus antepassados. Dois "halls" laterais de 20 por 10, de concreto, se apoiam em apenas duas colunas, sendo admirados pelos engenheiros como notável obra de cálculo.

Aqui procurei traçar "à vol-d'oiseaux" o que foi a vida turbulenta de Flávio. Não poderia terminar sem referir-me ao seu lado curioso, deveras notável, e ao seu lado amoroso, mais notável ainda.

De volta da Inglaterra para o Brasil, já engenheiro, no estuário do Tejo, de calção de banho e monóculo a tira-colo, pois era muito míope, lançou-se do alto do deck do "Andes" num mergulho que espantou a todos os passageiros e a polícia que logo o prendeu no cais, certa de que fosse um fugitivo.

Outra vez, engenheiro calculista de resistência dos materiais da firma Ramos de Azevedo, que tinha por chefe o Dr. Henrique Dumont Villares, construía um prédio no centro de São Paulo, em que grande parte do peso era suportado por duas vigas apenas. Discutiam os engenheiros da possibilidade das vigas não resistirem ao peso enquanto Flávio afirmava estarem os cálculos exatos. A construção progredia quando uma manhã, o Dr. Dumont Villares ao chegar ao seu escritório encontrou sobre a mesa um bilhete de Flávio, que dizia: — "A viga cedeu. Fui para lá". Desesperado o Dr. Villares correu para a construção e lá encontrou o mestre de obras sorridente e os operários trabalhando calmamente. Era apenas um primeiro de abril.

Quando a polícia fechou sua exposição de quadros em que havia muitos nus taxados de imorais, Flávio saiu durante a madrugada com o pintor Quirino da Silva e as estátuas de São Paulo amanhecera vestidas de branco.

Numa festa de aniversário de seu pai, 1.º de janeiro, dançava-se até altas horas e Flávio não aparecia. Zequinha de Abreu ao piano já havia esvaziado inúmeros copos de cerveja quando Flávio chegou meio afobado, com um embrulho de presente para o pai. Houve um movimento de curiosidade e meu irmão jubiloso desembalou o presente: era uma "maquete" para o seu túmulo — o "Último abraço".

De outra feita, numa festa de gratinhos, alta madrugada quando o champagne e o cansaço começavam a vencer os foliões já sem assunto, sentados em roda nas cadeiras e pelo chão, a dona da casa, moça elegante e bonita,

lembrou-se de fazer uma brincadeira diferente: cada criatura, quando ela passasse em frente tinha que dizer no que estava verdadeiramente pensando, naquele fim de festa. As respostas foram várias e divertidas. Quando chegou a vez de Flávio ele fitou a bonita mulher e disse: — "Estou pensando que você é muito boa". Ela riu um tanto contrafeita e o marido amarelou. Os convidados gozadores bateram palmas. Uma tarde, 5 ou 6 dias depois, estava Flávio sozinho no seu atelier quando a campainha tocou. Ele abriu a porta e ela entrou sorridente numa onda de perfume...

Na sua fazenda, em Valinhos, na frente da casa e ao lado da piscina há um alto mastro de ferro. Ali nos dias de festas ele costumava hastear a sua bandeira: vermelha, tendo no centro uma figura geométrica esquisita em preto e branco parecendo um compasso e uma elipse.

No verão, em determinadas festas ele mandava fechar as entradas de acesso à fazenda e hasteava a bandeira: os empregados já sabiam. Ninguém podia se aproximar porque todos os convidados estavam dançando no salão ou nadando na piscina iluminada inteiramente nus.

Das sarabandas destas bacanais, Flávio que era quase abstinente, observava e colhia inspiração para as figuras dos seus bailados e para as poses das suas mulheres, que foram sempre o tema preferido dos seus desenhos e pinturas.

Não tendo nunca desejado casar-se, Flávio povoou sua vida de solteirão com uma infinidade de mulheres. Quando as escolhia mais balzaquianas apresentava-as aos amigos e na sociedade como noivas, e exibia no dedo anular da mão direita uma aliança de ouro. Quando eram mais jovens e os amigos brincando gabaavam-lhe a escolha do broto, ele respondia fingindo-se zangado: — "Mais respeito que ela é minha filha" e sorria zombeteiro.

Teve várias ligações amorosas e uma houve mais duradoura que quase terminou em casamento. Era uma bailarina que depois se transformou numa das mais famosas artistas de teatro de São Paulo. Acompanhada de sua mãe passava uns dias na fazenda de Valinhos onde Flávio se encontrava, como sempre o fazia, acompanhado de seus pais. Após um banho de piscina, já meia madrugada, quando todos na casa dormiam, os dois estavam sozinhos no salão entrelaçados no tapete, bêbados de amor. Nesse momento, abre-se uma porta e surge a mãe de Flávio a procura de um calmante. Inconformada com a cena que presenciara, e que comunicara ao marido, os obstáculos ao casamento foram surgindo e tudo se acabou.

Outro grande amor de Flávio foi por uma célebre cantora, hoje casada e residente na Europa. Foi o mais longo e sincero de todos, mas terminou como os outros. Nas pinturas, desenhos e esculturas que fez deixou em traços mui-

to delicados a intensidade do amor que lhe dedicava. Numa carta que ela escreveu logo após a morte do grande pintor, ainda ignorada por ela, dava-lhe notícias da impressão do seu livro "La Dialectique de la mode" percebendo-se nas entrelinhas um indissimulável sentimento de amor que a distância e o casamento não haviam podido ainda extinguir.

Sua correspondência amorosa, farta e intensa, estava cuidadosamente guardada, amarrada com fitas, com precisão cronológica. Muitas escritas em português, outras em inglês, espanhol e francês. Algumas acompanhadas de retratos com as mais ternas dedicatórias. Entre elas faz-se notar as de uma titular da França, mulher bonita, de rara inteligência e cultura, em francês castiço, que além dos arroubos amorosos se alongavam em devaneios filosóficos dignos das suas famosas patricias que se notabilizaram no estilo epistolar em fins do século passado.

Compulsando aquela correspondência tão íntima, não pude ainda atinar porque Flávio a guardara durante tantos anos. Narcisismo?

Num dos seus maravilhosos sonetos, Júlio Dantas nos conta a estória daquele velho cura que todos os dias lia na missa, com atenção e carinho, sempre os mesmos e cada vez mais intensos, o livro velho que abria sobre o missal, e que não revelava a ninguém. Quando morreu, abriram o livro misterioso e dentro dele encontraram com espanto somente velhas cartas de mulher.

Como o velho cura, nos momentos de solidão e velhice, lançaria Flávio mãos a suas velhas cartas para minorar saudades de tantos amores consumidos pelo tempo. De tantas belas mulheres que a idade fanou ou que a morte já havia levado,

Hoje contemplo demoradamente as cartas e os retratos sorridentes e um estranho sentimento de pena e de melancolia me perturba a sensibilidade como um protesto mudo e perdido por sentir tanta mocidade, tanta beleza, tantas ilusões, tantos sonhos e tanto amor levados para sempre pelo vento indiferente da vida.

E perpassam-me pela mente aqueles numerosos vultos de mulheres que ainda se recordam de Flávio com ternura e talvez... quem sabe,

Daquele Flávio maneiroso e gentil, másculo e original, artista e poliglota, conhecedor do mundo e estudioso dos seus mistérios desde a mais remota antiguidade. Daquele Flávio que lhes deu carinho e amor, e que um dia com o seu pincel privilegiado gravou na tela o seu olhar e o seu sorriso, deixando-lhes como recordação aquele "petit brain d'herbe" de Suzana de Campos:

"Avec émotion, aujourd'hui, J'ai trouvé entre de vieux rubans et des lettres d'amour
Un petit grain d'herbe, qu'un jour il m'a donné..."

IX

... Tant d'années sont passées... Presque une vie!
Et moi je suis encore toute attendrie!
Et comme bat d'amour mon pauvre coeur!"

Nos últimos anos de sua vida Flávio trabalhou continuamente como se quisesse esgotar a sua genialidade. Aos amigos dizia que na sua idade não podia esperar. Fez conferências, exposições e publicações. Problemas de ordem íntima vinham-no amargurando há tempos e embora aconselhado por advogados criteriosos ele tardava em resolver.

Ultimamente se dedicara a pintar com tintas de acrílico de que tirava magníficos efeitos contrastando o colorido de tons vivos que davam ao conjunto um agradável sentido de arte, de alegria e de beleza.

Alguns anos antes de falecer fizera um testamento público legando seus bens a várias pessoas sendo a fazenda de Valinhos destinada a constituir uma fundação para tratamento e repouso de artistas doentes, inválidos ou envelhecidos.

Consta porém, que logo depois ficara magoado com alguns artistas e por isso revogou o testamento.

Foi um "Globe-trter". O seus passaportes têm o selo e o carimbo de meio mundo. Falando bem diferentes idiomas era-lhes fácil viajar e manter amizade com artistas de vários países. Sua correspondência e amizade com artistas poloneses eram grande e mesmo após sua morte várias cartas chegaram com convites para exposições, pedidos de desenho, de retratos e autógrafos.

Seus hábitos higieno-dietéticos (não jantava) conservavam-lhe o físico e o estado mental, embora a esclerose o viesse minando tenazmente, como já o fizera com seu pai e vários de seus ancestrais.

Numa madrugada de maio de 1973, ao levantar-se caiu no assoalho do quarto com um derrame cerebral. Como viesse sozinho na casa da fazenda só foi encontrado pelos empregados quando notaram que havia passado a hora dele levantar-se. Estava caindo no chão havia tempo em estado de coma profundo. Levado para o hospital foi-lhe aberta a cabeça por duas vezes e o coma regrediu embora continuasse a pa-

ralisia direita com perda da palavra. Ao ser visitado por pessoas conhecidas, fitava-as longamente e chorava entre soluços como uma criança. No fim de alguns dias, ao ser levantado por ordem médica, teve um enfarto do miocárdio e veio a falecer. Faria 74 anos alguns dias depois. Os poderes públicos de Valinhos prestaram-lhe todas as homenagens pois era cidadão Valinhense, espondendo seu cadáver no salão nobre da Câmara Municipal. De São Paulo, solicitavam para que o enterro fosse feito naquela cidade. No entanto, ele havia manifestado a vários amigos que desejava ser sepultado no gramado de sua fazenda em frente da piscina, ao lado das árvores que plantara. No velório, espíritas, protestantes e católicos realizaram seus respectivos cultos em homenagem a sua alma — o que deu motivo a que vários artistas protestassem violentamente sob a alegação de Flávio não ter tido religião nenhuma.

Caía uma tarde tranqüila, luminosa e fria quando seu corpo foi dado a sepultura no cemitério de Valinhos. Eu e o poeta Paulo Bonfim dissemos-lhe o último adeus em nome da família e do governo de São Paulo. Vieram-me à mente naquele instante derradeiro a figura do lindo menino louro que foi e do homem e artista turbulento e discutido em toda sua longa vida. Ali estavam, brancas e rígidas, cruzadas sobre o peito e rodeadas de flores aquelas mãos delicadas de dedos longos e finos, que deram à arte e à Pátria tantos legados que a imortalidade nunca mais há de esquecer.

Quando Assis Chateaubriand denominou-o "Pintor Maldito" por ter concebido a "Série Trágica" não o teria feito por maldade.

Homem de imprensa, amante da ribalta e das frases de efeito somente teria desejado chamar a atenção para a sua própria pessoa e para a pessoa do artista, que foi seu amigo e muito escreveu para o seu jornal.

Durante 12 anos afastado dos pais, quando a criança se transforma em homem e plasma o seu caráter, Flávio seria marcado pelo resto de sua vida pela incompreensão de uns e a maldade de outros. Nunca foi um louco, nem um fronteiro, como demonstram os cuidados que sempre dedicou no manuseio dos seus negócios particulares. Se-

ria talvez uma criatura que tivesse nascido 100 anos antes da sua época, ou, se o "gênio é uma neurose", uma vítima da neurose benfazeja dos gênios.

Embora um tanto introvertido e calado tinha uma grande emotividade que sempre procurava dissimular. Era de ver-se os cuidados e os carinhos que tinha com o seu velho cãozinho Pituca, cego e sudo, rosnando de alegria quando o sentia presente.

Dizia-se ateu e era na verdade um místico sempre preocupado com as coisas do espírito, que negava, mas estudava. Entre as músicas de sua discoteca onde havia muito Stravinsky, Prokofief, Kachaturian, Debussy, Cesar Frank e outros, encontrei meio ocultos os oratórios de Bach, o Réquiem de Mosart, a 9.^a de Beethoven, a Missa de Hendel e vários cantos gregorianos.

Num dos mais belos sonetos da língua portuguesa, Olavo Bilac no último terceto, referindo-se ao homem infeliz que sofria a maldição da vida e dos seus semelhantes, dizia:

"e árvore há de viver sem dar um fruto;
e homem há de morer como viveu,
sozinho;
sem ar, sem luz, sem Deus, sem fé,
sem pão, sem lar".

Esta maldição não a teve Flávio. Foi estimado pelos seus amigos e querido pela juventude que o admirava e lotava as salas de suas conferências, empolgada pelas suas idéias originais e avançadas.

No momento do seu enterro uma jovem pintora procurou-me chorando, para testemunhar-me o seu grande sentimento de amizade por quem tanto a havia ajudado na sua vida de aprendiz.

O que legou à ciência, às letras e às artes plásticas é qualquer coisa de grande que só a posteridade poderá avaliar com precisão.

Nesse dia o "pintor maldito" de Chateaubriand haverá de ter o justo prêmio por tudo quanto fez de belo em sua longa vida, e as gerações futuras haverá de apontá-lo pela sua fulgurante inteligência, imensa cultura e primorosa arte, como uma das mais belas e perfumadas flores criadas nos jardins de Deus.

As Fazendas reais de São Joaquim, São Marcos e São Bento

Duval de Araujo Gonçalves

Quem sobe o rio Branco, bem na foz do rio Tacutú e Uraricoera, encontra as ruínas do antigo Forte de S. Joaquim e achamos oportuno esclarecer algo sobre aquele local e os dois outros pontos onde se fundaram as primeiras fazendas de Roraima, S. José, S. Marcos e S. Bento, pois estão intimamente ligadas à história do Território.

Do discurso do então Deputado pelo Território Antonio Martins, extraímos o seguinte:

"Além da corrente que diz ter sido Lobo D'Almada que escolheu o lugar das sedes das três fazendas e fêz vir o primeiro gado da ilha de Marajó e Barcelos, então sede da próspera Capitania de S. José do Rio Negro, há como explica Jacques Ouriques "uma vaga tradição popular que diz terem sido essas fazendas fundadas por três irmãos, José, Marcos e Bento e mais tarde adjudicadas aos bens da Corôa segundo uns, por terem eles falecido AB INTES-TATO, e, segundo outros em consequência de responsabilidades não cumpridas com a Fazenda Real".

No entanto, escreveu Dr. Araújo Lima:

"Lobo D'Almada tornando uma realidade a idéia progressista do seu antecessor (Pereira Caldas), mandou explorar em 1787 o vale do Rio Branco. E, ali montou as Fazendas S. Bento, São José e São Marcos, núcleos do gado daquela falada zona pastoral do Amazonas.

Esse Governador da Capitania antevia, com seu empreendimento, abastecer os açougues provendo a população da carne fresca e não só pensava na indústria do chiqueado, que se podia desenvolver, como ainda no aproveitamento dos couros para indústria de calçados e para exportação.

S. JOSE (S. JOAQUIM)

A Fazenda S. José tinha como limite meridional o igarapé do Surrão que é afluente do Água Boa e na sua parte septentrional, confinava com os rios Branco e Tacutú. Foi aí a sede o povoado do famoso Forte do S. Joaquim.

O Forte foi construído por ordens da Corôa Portuguesa no século XVIII e fundado em 1175 por ordem do Governador do Estado, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, no afã de conservar as suas terras conquistadas, como era comum entre os Portugueses, e, devido às incursões e ameaças constantes dos espanhóis que, por intermédio das atuais fronteiras Guianenses e Venezuelanas, podiam atingir aquelas regiões, como de fato atingiram.

Transcrevemos aqui um trecho do livro do Schomburgk de 1844, onde ele relata o que observou naquela Fortaleza:

"O pequeno Forte, situado a 3º1'46 latitude Norte, foi construído no tempo da invasão de um destacamento de Espanhóis pela Guiana Inglesa, que em 1775 fizeram seu percurso até o Canioni e Uraricopará, porto do rio Branco e entrincheiraram-se na vizinhança do Yurumo. Seus muros eram construídos por uma pedra arenosa vermelha, naturalmente de "OLIRIVER" a qual se encontra por perto do Forte.

Os 14 vãos eram sustentados por 8 a 9 pilares. As carretas dos canhões estavam quase destruídas em geral e a parte inferior desses canhões, estava na maioria, encostada no chão e destruída.

A parte este do Forte era formada de casamatas à prova de bomba, uma das quais era ocupada pelo Comandante. Sobre elas estavam os quartos dos soldados, 60 homens da Milícia Provincial. Alguns sargentos do serviço ativo e o Major Coêlho, formavam a guarnição. Os velhos e condenados mosquetes ingleses datavam do reinado de um dos George e devem ter sido entregues por um dos poderosos ingleses da Escocia ou da Irlanda.

Pelo número de igarités na vizinhança do Forte, e pela regular quantidade do material de construção que estava sendo descarregado, dava, na realidade, uma aparência de querer fortalecer a região.

O Major Coêlho era sempre cheio de amabilidades e cortesia. Informou-nos que diariamente esperava mais oficiais engenheiros para dirigir as operações e nos mostrou o modelo de novas carretas do canhões inventadas por ele, as quais aparentavam para Mister Flyor e para mim, serem inadequadas. O descarregamento do material dos seus transportes para o Forte era feito por índios cuja língua não era nem Macuxí nem Jaricuna, pertenciam a várias tribos do rio Negro.

Numa linha reta para o Forte, bem à margem, estavam a residência real do Comandante e do Frade, a igreja, e pequenas cabanas de vaqueiros. As Fazendas S. José (atualmente S. Luiz) S. Bento e S. Marcos formavam as propriedades de Antonio Amorim e José Antonio Evora, hoje propriedades do Governo, situadas nos arredores de boca do Tacutú.

O Capitão Leal recebia um quarto dos rendimentos. O número de bois, os quais eram tangidos diariamente para o curral era mais ou menos 4.000 e 600 cavalos.

Os rebanhos estavam a cargo de 40 vaqueiros os quais recebiam os mesmos vencimentos que os soldados. Às 8 horas da noite toda a guarnição assim como os vaqueiros, se juntavam para rezar e fazer seus cânticos em língua latina para depois dormir. Nós dormíamos em um quarto com o Major Coêlho, cujos móveis consistiam de uma mesa tosca, uma cadeira similarmente construída e uma cama. Às 6 horas da manhã o toque de alvorada acordou-me dum sono profundo. A ração diária estava sendo distribuída para a guarnição e consistia de uma libra de carne para o que diariamente matavam um novilho e uma certa quantidade de farinha. Os pobres soldados não recebiam o pagamento dos seus soldos por três anos. Eles brigavam para comprar tabaco, o que pareciam obter em grande quantidade na forma do 5 a 6 pés do comprimento cada rôlo, variando a espessura e ao mesmo tempo uma outra qualidade preparada e dura como pedra e de uma forma peculiar. Uma das maiores expressões de gentileza e respeito para uma senhora, era preparar-se o cigarro, acendê-lo, tirar umas baforadas e ofertá-lo.

Nesta tradução de um livro tão antigo, vimos que o comandante do Forte era o Major Coêlho, porém antes desse, comandava o Capitão José de Barros Leal, que era amigo daquele cientista, mas que caíra em desagrado das autoridades do Pará, por manter relações cordiais com os inimigos da Pátria, os espanhóis e por isso fôra rebaixado de posto e enviado para dirigir uma das fazendas do Governo. Também na Fazenda S. José residia o irmão José, um frade amigo seu, e hoje a Fazenda S. José é conhecida com o nome de S. Luiz.

O Governador do Pará, Pereira Caldas, já muito se preocupava com a região do Rio Branco e como chefiava a delegação lusitana para fixar os Limites entre as terras espanholas e portuguesas em 1784, foi buscar Lobo D'Almada para seu auxiliar de confiança. Depois de limitar e estudar o alto rio Negro, Pereira Caldas precisou ainda dos serviços de Lobo D'Almada e como os espanhóis já haviam em 1777 invadido o Rio Branco e ainda cobiçavam-no, nomeou Lobo D'Almada por ordem de Sua Magestade em 1786. O exame da bacia rio Branquense foi feita, e identificada a linha de serranias.

A construção do Forte foi um imperativo que se impôs por força das constantes ameaças e da necessidade urgente de se guarnecer uma localidade estratégica, dominando os rios Uraricoera, Branco, Tacutú, Maú, Surumú, etc.,

já que os invasores sabendo de antemão que as incursões pelo rio Negro eram obstadas pelas fortificação desde Belém, idealizaram e realizam penetrações pelas fronteiras correspondentes à Cordilheira de Paracaima e, pela Rupunuri, vindos da Venezuela e Guiana. Sobre esse ponto, vejamos o que escreviam Lobo D'almada e Sebastião José Prestes em 26 de Novembro de 1796 ao Dr. Francisco de Souza Coutinho, respeitando a linguagem daquele tempo.

"Pela Fronteira do Rio Branco podem os Holandeses do Surinam invadir esta Capitania, subindo o Essequibe, rio em que eles têm estabelecimentos e vindo ao rio Repunuri de que conhecem a navegação o de Repunuri com facilidade pizão as Campinas do Rio Branco situadas entre o mesmo Repunuri e Rio Tacutú, continuação mais oriental do Rio Branco, na foz do cujo Tacutú está a nossa Fortaleza e em cuja porção do Campo alagados e pantanosos cortados de Serranias, tem as suas vertentes tanto o Repunuri como o Tacutú".

E mais adiante:

XII

"Pasando aos Espanhoes, outra Nação confinante desta Capitania: Podem invadi-la por mais partes ao mesmo tempo: Pelo Rio Branco atravessando a sobre dita Cordilheira que divide também as vertentes do Orinôco, das Águas vertentes do Rio Branco e já se vê que os Caminhos de comunicação do Orinôco para o Rio Branco podem ser tantos quanto os pontos da Cordilheira em toda a extensão Fronteira. As tentativas dos espanhoes sobre o Rio Branco se virão já reduzidas à pratica. A ambição de estender domínio por alheias possesões os conduziu do Orinôco ao rio Parauá e deste ao Paranamini e igarapé Anuncaparé e, atravessando pela Cordilheira a grande serra Pacaraima, virem situar-se na margem Oriental do Rio Uaricapará a cujo lugar denominado S. Rosa; "e daqui descendo para outro Lugar a que derão o nome de S. João Batista, junto do Igarapé Caya-Caya na margem Septentrional do Rio Uraricoera (Nota: supomos tratar-se do atual lugar das Missões) pretenderão por este vantajoso passo possuírem o Rio Branco até 25 para 30 léguas abaixo da Foz dos Rios Parimé e Maú".

Continuando, ele diz que os espanhóis, "não conhecendo obstáculos, introduzindo-se no nosso território mas foram presos em 1775 por isso alegava que sesenta e setenta praças, confirmando o número de soldados do Forte de S. Joaquim que Schomburgk diz

ter contado, não eram suficientes para fazer frente tanto a espanhóis como a holandeses, quando no entanto na época que eles prenderam os espanhóis, possuíam 150 praças e depois aumentaram para 300.

Pelo exposto, vemos com que desvelo naquele tempo eram tratadas as nossas fronteiras e hoje podemos constatar, dentro dos fatos históricos, o valor do Forte de S. Joaquim naquela época, pois somente a sua existência impediu que toda esta rica região caísse nas mãos dos holandeses e espanhóis, grandes potências naquela época e com uma firme política de conquistas territoriais, numa louca corrida para assenhorear-se do melhor bocado, para o primeiro que chegasse. O Forte, com suas casamatas, seus soldados e garantida a alimentação da tropa com seus milhares de bois, deu-nos a garantia da atual extensão territorial e hoje, apesar de somente apresentar ruínas, a história não deixa que se esqueça o grande serviço que ele prestou à Corôa e a Nação Brasileira. Num retrospecto vemos quanto seria trabalhoso trazer-se de Portugal até o Tacutú vencendo cachoeiras e outros obstáculos, com a única condução, que eram as igarités, trazendo os pesados canhões, cal, armas, chapa de ferro, roupas, madeiras etc.

Além da defesa das nossas fronteiras, a tropa aquartelada em S. Joaquim, ainda procedia a reconhecimentos e exploração pelos altos rios conservando nosso território intacto e assim, era o Rupununi bastante navegado pelas escolas militares que ocupavam o Forte e exploram também os rios Uraricoera, Tacutú e Maú.

O Rio Branco e o rio Negro foram os preferidos para a procura de braços para o trabalho, sendo que no rio Branco os índios eram bem numerosos e assim foi construído o Forte. Schomburgk chamava-os de "pobres escravos" e pela descrição que ele faz, dá a entender que os mesmos trabalhavam à força e olhavam os patrões com ódio e rancor. Isso naquela época nada de anormal consistia, pois havia a escravidão em todos os países civilizados e não fôra dessa forma, nunca os portugueses teriam feito tantas fortificação nos diversos rios.

S. Joaquim foi a muralha que reteve as ambições de conquista de diversos povos, é a melhor definição que lhe podem dar.

Comandou também o Forte, João Bernardes Borralho que muito contribuiu para a introdução do gado no Rio Branco de que falaremos adiante.

A tal pedra vermelha que Schomburgk diz que estavam sendo levadas para a construção do Forte, corresponde ao arenito da Capela, do sistema cretáceo ou laterito.

SÃO MARCOS

De Boa Vista a São Marcos, distam mais ou menos 40 quilômetros e uma lancha com marcha regular, faz o referido percurso em 4 a 5 horas de subida e metade de descida. O aspecto do encontro dos rios Tacutú e Uraricoera, é de uma baía, tão largo é o rio Branco aí é no verão, com os fortes ventos reinantes, mais ainda se assemelha a uma baía, pelas maretas formadas nessa época.

São Marcos é atualmente Fazenda Nacional e pertence ao Ministério da Agricultura. Logo ao chegar-se à localidade onde estão situados os prédios, aprecia-se um belo panorama com o prédio gigantesco o principal, no alto de uma elevação e cujo relvado encanta a vista. Sua forma é de um triângulo em que um dos lados é o rio Uraricoera, noutro o Tacutú, a base com seus limites nos igarapés do Milho e do Justino e o vértice oposto à base, é o rio Branco. Suas terras são ótimas para a criação de gado e são constituídas de savanas, campos gerais que se perdem à distância, tesos, igarapés com seus buritisais e baixadas.

A Fazenda S. Marcos mede 60 léguas quadradas e foi fundada por Nicolau de Sá Sarmento. Das três fazendas, e a única que ainda subsiste. Tem área superior a 8.000 quilômetros quadrados.

A Fazenda S. Marcos esteve arrendada a Sebastião José Diniz até Fevereiro de 1915 quando passou para o serviço de proteção aos índios.

Nas terras da Fazenda S. Marcos, devido ao abandono em que as mesmas se encontravam na década de 1920, muito gado vacum, cavalos e lanigero, foi retirado por indivíduos inescrupulosos e dizem os antigos que, muitas fazendas se fizeram à custa do gado dos campos do S. Marcos...

Atualmente vai-se de Boa Vista até defronte de S. Marcos por uma estrada de verão e pelo Passarão pode-se atravessar a viatura para o outro lado, viaja-se 1 hora pelos campos de S. Marcos, alcança-se o igarapé do Milho e até a margem direita do Surumú, onde outra balsa se atravessa para a outra margem do Surumú em S. Raimundo e pode-se viajar em grandes extensões de Roraima.